

A SÍNDROME DE BURNOUT E O SOFRIMENTO NO COTIDIANO DE TRABALHO DO ENFERMEIRO

BURNOUT SYNDROME AND SUFFERING IN THE NURSES WORK DAY

OLIVEIRA, Josélia Aparecida Jardim Assis¹

ANDRADE, Cláudia Caixeta Franco²

RESUMO

O ambiente de trabalho e o modo como este é organizado interfere na saúde do indivíduo, que pode ser extremamente danoso à saúde. Tais mudanças na organização do trabalho acarretaram transformações no perfil de sofrimento e adoecimento desses trabalhadores, com uma prevalência crescente de doenças relacionadas ao trabalho, dentre as quais, a Síndrome de Burnout, que se tornou um grave problema de saúde para os profissionais de enfermagem, devido aos danos psicológicos laborais e sociais que acarreta. Nesse contexto, o objetivo do presente estudo foi analisar a prevalência e os fatores de risco para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout nos profissionais de enfermagem. Como objetivos específicos, buscou-se caracterizar a síndrome de Burnout, seus fatores de risco e sintomas, a prevenção e tratamento, além de analisar sua relação com o trabalho do enfermeiro. A pesquisa foi realizada por meio de revisão da literatura, utilizando como fontes livros, artigos científicos, dissertações e teses disponíveis em banco de dados do Scielo, Bireme, a partir das fontes Lilacs, Medline e PubMed. Foi observado que o profissional de enfermagem depara-se com uma série de dificuldades ocasionadas pela carga física e mental sofrida na prestação da assistência. Concluiu-se que a Síndrome de Burnout é um fator de risco significativo para a saúde dos enfermeiros, levando o indivíduo a um desgaste físico e emocional, sendo necessário que ações sejam tomadas, através de mudanças organizacionais, em busca de reverter o atual quadro.

Palavras-chave: Doenças ocupacionais; Enfermagem; Trabalho.

ABSTRACT

The work environment and the way it is organized interferes with the health of the individual, because be extremely harmful to health. Such changes in work organization led to changes in the suffering and illness profile of these workers, with an increasing prevalence of work-related diseases, among which Burnout Syndrome, which became a serious health problem for nursing professionals, Due to the

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Faculdade Metropolitana São Carlos. E-mail: jjardim2011@hotmail.com.

² Professor orientador: Doutora em Ciências, Faculdade Metropolitana São Carlos. E-mail: claudiafa@yahoo.com.br

psychological labor and social damages that it entails. In this context, the objective of the present study was to analyze the prevalence and risk factors for the development of Burnout Syndrome in nursing professionals. As specific objectives, we aimed to characterize Burnout syndrome, its risk factors and symptoms, prevention and treatment, and to analyze its relation with the work of the nurse. The research was carried out through literature review, using as sources sources books, scientific articles, dissertations and theses available in a database of Scielo, Bireme, from sources Lilacs, Medline and PubMed. It was observed that the nursing professional faces a series of difficulties caused by the physical and mental load suffered in the provision of care. It was concluded that Burnout Syndrome is a significant risk factor for nurses' health, leading to physical and emotional exhaustion, and that actions must be taken, through organizational changes, in order to reverse the current situation.

Keywords: Occupational diseases; Nursing; Job.

INTRODUÇÃO

No ambiente do trabalho há uma pressão para que o atendimento seja rápido e eficiente, situação que se estende aos profissionais de saúde, que vêm sofrendo pressões constantes, apesar das especificidades das funções exercidas por esses trabalhadores. Existe uma preocupação crescente, por parte dos órgãos governamentais e pesquisadores, sobre as condições de trabalho dos profissionais da saúde, especialmente na enfermagem, pois tanto as condições de trabalho quanto o ambiente em que ele é exercido, de modo geral, não oferece efetiva segurança para os trabalhadores (VALENTE et al., 2010).

A enfermagem atua prestando cuidados a indivíduos fragilizados devido a doenças, sendo responsável pela manutenção ou recuperação dos mesmos, o que engloba um cuidado não apenas físico, mas que envolve dimensões afetivas, psicológicas, sociais e espirituais. No entanto, a execução do seu trabalho se dá em condições adversas, onde muitas vezes não existe uma preocupação pela saúde de quem cuida. Estes profissionais atuam em unidades que não oferecem condições para que executem suas atividades com segurança, sendo expostos a longas jornadas, esforço excessivo, má postura, estresse, dentre outras adversidades (ARAÚJO JÚNIOR, 2008).

A organização e a prática assistencial em saúde vêm sofrendo influência da organização e da gestão do trabalho utilizadas em outros campos. Isto tem sido feito através da inserção crescente da tecnologia e do controle do processo de trabalho, especialmente entre os profissionais de enfermagem, responsáveis pelo cuidado aos pacientes (MUROFUSE, 2004). Tais mudanças na organização do trabalho provocaram transformações no perfil de sofrimento e adoecimento desses

trabalhadores, com uma prevalência crescente de doenças relacionadas ao trabalho, como a síndrome de Burnout (BRASIL, 2001).

Assim, este estudo se justifica devido à importância de se cuidar de quem cuida, pois a enfermagem se constitui na base da assistência, estando sujeita a doenças ocupacionais, que em sua maioria estão relacionadas ao ambiente de trabalho e às relações ali estabelecidas.

O objetivo geral deste estudo foi analisar a prevalência e os fatores de risco para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout nos profissionais de enfermagem. Como objetivos específicos, buscou-se caracterizar a síndrome de Burnout, seus fatores de risco e sintomas, a prevenção e tratamento, além de analisar sua relação com o trabalho do enfermeiro.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio de revisão da literatura, utilizando como fontes livros, artigos científicos, dissertações e teses disponíveis em banco de dados do Scielo, Bireme, a partir das fontes Lilacs, Medline e PubMed. Os descritores utilizados para a busca foram Síndrome de Burnout, doenças ocupacionais e enfermagem, tendo sido considerados os estudos em português, a partir de 2001.

DESENVOLVIMENTO

A Síndrome de Burnout

O médico Herbert Freudenberger utilizou pela primeira vez o termo Burnout em uma Revista de Psicologia, em 1974, entretanto, as psicólogas Christina Maslach e Susan Jackson divulgaram e criaram o Maslach Burnout Inventory (MBI), em 1978 (MOREIRA et al., 2009). O termo surgiu como uma metáfora para manifestar o sentimento de profissionais que trabalhavam diretamente com pacientes dependentes de substâncias químicas. Alguns desses profissionais, não percebiam seus pacientes como pessoas que precisassem de cuidados especiais,

pelo fato destes não se esforçarem para interromper o uso das drogas. Estes profissionais relatavam indisposição para acordar e ir para o trabalho, já que não conseguiam atingir os objetivos indicados para estes pacientes, sentindo-se impossibilitados de transformar o quadro no qual os pacientes se encontravam (BARROS et al., 2016).

A síndrome pode ser definida como “um transtorno adaptativo crônico associado às demandas e exigências laborais, cujo desenvolvimento é insidioso e frequentemente não reconhecido pelo indivíduo, com sintomatologia múltipla, predominando o cansaço emocional” (SCHWARTZMANN, 2004, p. 177).

Esta síndrome se caracteriza pela presença de sintomas psíquicos, físicos, psíquicos, defensivos e comportamentais, dentre os quais a exaustão emocional, que tem por característica a falta de energia, de entusiasmo e sentimentos de esgotamento físico e mental; a despersonalização, que se caracteriza por insensibilidade, fazendo com que o trabalhador passe a tratar seus pacientes e equipe de forma desumanizada, ou seja, como objetos; a baixa realização profissional, que se caracteriza pela tendência do trabalhador se autoavaliar de forma negativa, sentindo-se insatisfeito e infeliz em relação às suas perspectivas profissionais. (FERREIRA e LUCA, 2015).

Entre as causas para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout pode-se citar: longas jornadas de trabalho, conflitos entre os colegas de trabalho, exigências constantes por maior produtividade, contato direto e prolongado com pessoas e perfeccionismo. Para Holmes et al. (2016), a Síndrome de Burnout é uma experiência de esgotamento, exaustão física e emocional, decepção e perda de interesse, que se manifesta em profissionais que não apresentam quadro psicopatológico, ocasionando uma queda na eficiência e desempenho, assim como atitudes negativas e hostis ao ambiente laboral.

Ascari et al. (2016) cita ainda como causas da síndrome valores conflitantes, remuneração insuficiente, a falta de controle, valores conflitantes, colapso da união e ausência de equidade, sendo mais prevalente em jovens e em pessoas com um maior nível de escolaridade.

Dentre as causas citadas, a mais significativa é o estresse de caráter duradouro associado a situações de trabalho, assim como constantes e recorrentes pressões emocionais e o envolvimento com indivíduos por períodos longos (CARLOTTO, 2009). Determinados fatores ocupacionais como excesso de trabalho,

relação conflituosa entre profissionais, falta de recompensa, ambiente de trabalho com estrutura inadequada às atividades laborais, ruídos constantes e baixa valorização do profissional conferem aumento da susceptibilidade da ocorrência de estresse ocupacional e a ocorrência da Síndrome de Burnout (OLIVEIRA e LAUTERT, 2016).

A Síndrome de Burnout e o trabalho do Enfermeiro

O processo de trabalho do enfermeiro apresenta inúmeras situações que ocasionam um desgaste contínuo com consequentes perdas das condições satisfatórias de vida. Segundo Franco et al. (2005), questões como a sobrecarga de trabalho, as relações interpessoais, as situações constantes de dor e morte, a falta de autonomia e o excesso de autoridade dos supervisores no trabalho do enfermeiro têm provocado discussões no meio acadêmico, devido às sérias consequências que acarretam.

Souza et al. (2009) enfatizam que, por ter um trabalho significativamente estressante, os profissionais de enfermagem podem se tornar desmotivados, insatisfeitos, apresentando altas taxas de absenteísmo, chegando ao abandono da profissão. Tal situação é ocasionada por ambientes turbulentos e conflitantes, que colaboram para manter viva a demanda interna, externa ou psicologicamente negativa, ocasionando estresse ao trabalhador, que geralmente demora a perceber seu adoecimento.

Os agentes psicossociais causadores de danos à saúde dos trabalhadores de enfermagem estão associados ao contato frequente com o sofrimento e a morte; a monotonia de atividades repetitivas e parceladas e turnos rotativos de trabalho; e a fadiga que leva ao estresse (BARBOZA e SOLER, 2003). Outro fator estressor se refere aos vínculos criados com os pacientes e seus familiares, interferindo na carga emocional recebida pelos profissionais, que muitas vezes, por seu histórico de vida e características pessoais, não conseguem assimilar e responder bem à situação podendo desenvolver problemas emocionais ou psíquicos (ELIAS e NAVARRO, 2006).

Muitas vezes, o profissional de enfermagem não tem oportunidade de expressar seus sentimentos de perda e desconforto ou de partilhar sua insatisfação

ou fatos de sua vida particular, o que constitui também um fator estressante. Esta situação pode ocasionar somatizações e desequilíbrio emocional ou até mesmo o desenvolvimento de sistemas de defesa a partir da negação ou indiferença pelo bem estar do paciente, que nada mais é do que uma tentativa de adaptação à situação (BECK et al., 2005).

Os turnos de 12 horas de trabalho contínuo, seguidos de 36 horas de descanso, exigem esforços físicos e mentais intensos nos profissionais de enfermagem, além dos ritmos biológicos e sociais sofrerem alterações significativas para aqueles que atuam no período noturno (GONÇALVES e FISCHER, 2004). Assim, o organismo deve se adaptar às condições oferecidas pelo trabalho; o trabalhador passa a ter privação e perturbações do seu sono, o que pode gerar estresses físico e mental, diminuindo sua capacidade para o trabalho.

Tais situações vêm acarretando altos índices de absenteísmo dos profissionais de enfermagem de suas atividades laborais, especialmente daqueles que atuam em hospitais, instituição tipicamente insalubre, levando a uma desorganização do serviço, gerando insatisfação e sobrecarga entre os trabalhadores presentes e conseqüentemente diminuindo a qualidade da assistência prestada ao paciente (SOUZA et al., 2010).

O profissional de enfermagem depara-se com uma série de dificuldades ocasionadas pela carga física e mental sofrida na prestação da assistência, pela alteração dos ritmos biológicos devido a constantes mudanças de turnos e às condições de alimentação e transporte.

Assim, é imperativo que sejam implementadas medidas de prevenção que utilizem estratégias envolvendo pacientes, trabalhadores de enfermagem, equipamentos e ambiente de trabalho, a fim de evitar ou minimizar o sofrimento que vem sendo imposto aos trabalhadores de enfermagem.

Sintomas

Profissionais que apresentam alto risco de desenvolver a síndrome de Burnout têm, como primeiros sintomas, insatisfação e cansaço, que tendem a aumentar de intensidade, caso o ambiente de trabalho não seja modificado. De acordo com Nascimento et al. (2017), dinâmicas de equipe e aprimoramento pessoal

são recursos eficazes para que a síndrome não se instale, além de manter um equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, dedicando tempo à família, ao lazer, relaxando e praticando atividades físicas.

Segundo Fernandes e Ferreira (2015), os principais fatores desencadeantes do estresse no ambiente laboral envolvem aspectos da organização, do ambiente onde o trabalho é executado, da administração e da qualidade das relações humanas. Estes fatores podem gerar sintomas físicos (fadiga constante, distúrbios do sono, dores musculares e falta de apetite); psíquicos (falta de atenção, ansiedade, alterações na memória); comportamentais (irritabilidade ocasional, relações conflituosas) e defensivos (isolamento, cinismo, onipotência). Seu processo é individual, com evolução que pode levar anos ou décadas, com surgimento paulatino, cumulativo, com severidade progressiva, muitas vezes não sendo percebida pelo indivíduo, que apresenta dificuldade em aceitar que algo está errado (CARLOTTO, 2009).

A Síndrome de Burnout leva à redução da qualidade do trabalho desenvolvido e conseqüentemente a qualidade do serviço ofertado, negligência, imprudência, mau atendimento aos usuários, predisposição a acidentes por falta de atenção e concentração. O distanciamento físico e psicológico do trabalhador ocasiona perdas financeiras para a instituição, por ter sua produção comprometida. Os usuários mal atendidos podem sofrer danos emocionais, físicos e financeiros, podendo acometer familiares, o seu ambiente de trabalho e o desenvolvimento de relações familiares (MARCELINO FILHO e ARAÚJO, 2015).

O modelo proposto por Maslach compreende três dimensões, onde é possível observar os seguintes sinais e sintomas:

Exaustão emocional	Decepção com seu trabalho; esgotamento após jornada de trabalho; sentimento de fadiga ao levantar pela manhã e enfrentar outra jornada de trabalho; sentimento de cansaço em trabalhar com pessoas durante todo o dia; sentimento de desgaste com seu trabalho; sente-se frustrado com seu trabalho; sente que está trabalhando demais; sente-se estressado ao trabalhar em contato direto com as pessoas; sente-se no limite de suas possibilidades.
Despersonalização	Trata as pessoas de seu trabalho de forma impessoal; sente-se duro com as pessoas desde que iniciou em seu trabalho; percebe que seu trabalho o está enrijecendo emocionalmente; não se importa com o que ocorre com as pessoas com as quais trabalha; sente-se culpado pelos receptores de seu trabalho por seus problemas.

Baixa realização profissional	Sente dificuldade no atendimento de pessoas; sente que trata de forma ineficiente os problemas das pessoas que tem que atender; sente que exerce influência negativa na vida das pessoas que tem que atender; sente-se fraco em seu trabalho; sente que não pode criar um clima agradável em seu trabalho; sente-se apático após o contato direto com seus clientes e colegas; não acredita que pode conseguir coisas valiosas em seu trabalho; sente que não maneja seus problemas emocionais com calma.
-------------------------------	---

Fonte: França et al. (2012).

Dessa forma, entende-se que a Síndrome de Burnout representa uma doença laboral que tem como causa a interação desarmônica do indivíduo com o ambiente de trabalho, que compromete o seu bem-estar físico e mental. A instituição pode sofrer prejuízos financeiros em decorrência de absenteísmos, afastamentos definitivos e temporários, mau atendimento aos usuários, visão negativa da instituição pelos usuários, por ocorrência de acidentes pela diminuição da atenção, pela diminuição da vontade e interesse do profissional em realizar as tarefas no trabalho, assim como negligenciar as necessidades dos usuários. Cabe aos gestores buscarem identificar esses trabalhadores, atuando sobre os determinantes da doença, para reduzir e prevenir a ocorrência desses fatores.

Prevenção e Tratamento

A primeira medida que deve ser tomada para prevenir ou tratar a Síndrome de Burnout é oferecer informação ao paciente. Isto pode ser feito por meio de palestras educativas, onde sejam informados os sintomas, causas, possibilitando que os profissionais que atuam junto à saúde do trabalhador, adotem medidas que possibilitem uma autoavaliação dos trabalhadores e busquem ajuda especializada, quando necessário (FERREIRA, 2013).

O tratamento pode ocorrer em três níveis: individual, grupal e organizacional, sendo recomendado que ocorram ações em todos eles (GARROSA et al., 2002), que devem ser implementadas nos seguintes níveis:

Educativos: conhecer o estresse, identificar suas fontes e reconhecer seus sintomas corporais e mentais;
 Situacionais: Aceitar estressores inevitáveis, tentar eliminar os possíveis de serem eliminados, e mudar a forma de interpretar cada estressor;

Enfrentamento de efeito duradouro: aprender a reconhecer seus limites, respeitando-os, buscando soluções para os problemas ao invés de focar nas emoções negativas;

Enfrentamento para atenuar os sintomas: usar o senso de humor, utilizar técnicas de relaxamento, consumir alimentos anti-stress (verduras, legumes e frutas), e praticar atividade física (BOA MORTE e DEPS, 2015, p. 71).

O auxílio de psicólogos, horas suficientes de sono e exercícios físicos fazem parte do plano individual; maior comunicação entre gerência e funcionários e a busca por uma relação harmoniosa e cooperativa fazem parte do plano grupal, enquanto a implantação de medidas de conforto e bem estar, como ginástica laboral e relaxamento devem ser adotadas no plano organizacional (FERREIRA et al., 2013).

De acordo com Alonso (2014), algumas atitudes são essenciais para manter a saúde física e mental do profissional, evitando a Síndrome de Burnout, dentre as quais: praticar exercícios físicos e desfrutar momentos de descontração e lazer; mudanças no estilo de vida; conscientizar-se de que o consumo de álcool e de outras drogas para afastar as crises de ansiedade e depressão não são um bom remédio para resolver o problema; avaliar quanto as condições de trabalho estão interferindo na qualidade de vida e prejudicando a saúde física e mental; alimentação saudável e hábitos de sono; estabelecer limites, não sobrecarregar-se, aprender a dizer "não"; experimentar algo novo, iniciar um projeto divertido, ou retomar um passatempo favorito; aprender a gerir o stress.

Em relação ao ambiente de trabalho, algumas atitudes preventivas devem ser adotadas:

Tomar posições proativas ao invés de uma abordagem passiva para problemas no local de trabalho. A pessoa se sente menos impotente, caso a mesma afirme-se e expresse suas necessidades. Caso o indivíduo não tenha a autoridade ou recursos para resolver o problema, deve-se conversar com um superior; esclarecer a descrição do trabalho. Perguntar ao chefe a descrição atualizada de deveres e responsabilidades do cargo. Apontar as funções exercidas que não estão de acordo com a descrição do trabalho; caso o aparecimento da síndrome pareça inevitável, deve-se fazer uma ruptura completa do trabalho. Sair de férias ou utilizar os dias de afastamento para recarregar as baterias e ter perspectiva (ALONSO, 2014, p. 19).

Como o desenvolvimento da síndrome está diretamente relacionado ao ambiente laboral, devem ser buscadas estratégias eficazes no contexto organizacional, melhorando o ambiente de trabalho através de programas de

socialização; implantação de avaliações que ofereçam aos profissionais um papel ativo participativo nas decisões laborais; condições de trabalho atrativas e gratificantes; mudanças nos métodos de prestação de cuidados; reconhecimento da necessidade de educação permanente; e investimento no aperfeiçoamento profissional (GRANGEIRO et al., 2008).

Cada caso deve ser avaliado individualmente, havendo diversas abordagens psicoterápicas e medicamentosas para o alívio dos sintomas. Nesse sentido, Silva et al. (2015) afirmam que:

O tratamento para o Burnout é realizado por meio de psicoterapia que, de acordo com o caso, pode solicitar o uso de medicações, caso a pessoa apresente problemas biofisiológicos, tais como: dores, alergias, alteração na pressão arterial, problemas cardíacos, insônia, entre outras possíveis intercorrências. No que se refere à medicação, então, esta pode ser relacionada a analgésicos, complementos minerais, ansiolíticos e antidepressivos, de acordo com cada sintomatologia apresentada pelo indivíduo acometido com o Burnout (SILVA et al., 2015, p. 101).

No mesmo sentido, o tratamento preconizado para a Síndrome de Burnout pelo Ministério da Saúde é composto por acompanhamento psicoterápico e farmacológico e intervenções psicossociais (BRASIL, 2001).

Observa-se, portanto, que o profissional de enfermagem, devido ao trabalho desgastante que desenvolve, deve buscar meios de prevenir problemas que afetam não apenas sua saúde física, mas também os desgastes mentais inerentes à profissão, a fim de não desenvolver problemas como a Síndrome de Burnout.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente e as condições de trabalho influem significativamente na saúde dos profissionais. Os profissionais de enfermagem, geralmente possuem uma demanda de trabalho intensa, devendo estar preparados para resolverem situações urgentes, que requerem capacitação técnica e preparo emocional, pois lidam com a dor, sofrimento e morte cotidianamente, exigindo esforço físico, emocional e mental que, muitas vezes, atinge sua qualidade de vida.

Devido às características e natureza de suas atribuições e funções, os enfermeiros estão incluídos entre as profissões mais estressantes, que podem colocar em risco sua saúde psíquica e física e o bom desempenho de suas funções.

A Síndrome de Burnout vem sendo considerada um risco ocupacional de proporções significativas, estando relacionada a problemas que dizem respeito ao relacionamento interpessoal, sobrecarga de trabalho, atividades física e emocionalmente desgastantes, além do convívio diário com sofrimento, dor e morte.

Para prevenir a síndrome de Burnout é necessário que o ambiente organizacional ofereça condições para que os profissionais assumam o que é de sua competência, sendo essencial a busca por mais informações, para que lhes seja oferecido um ambiente de trabalho mais saudável, harmonioso e tranquilo.

É possível concluir que a Síndrome de Burnout é um fator de risco significativo para a saúde dos enfermeiros, levando o indivíduo a um desgaste físico e emocional, sendo necessário que ações sejam tomadas, através de mudanças organizacionais, em busca de reverter o atual quadro.

REFERENCIAS

ALONSO, F. G. **Síndrome de Burnout: manual de medidas preventivas e identificativas para aplicação pelo engenheiro de segurança do trabalho.** Monografia (Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Curitiba, 2014, 36f.

ARAÚJO JÚNIOR, S. S. **Análise ergonômica da atividade profissional de enfermagem no município de Caratinga-MG.** Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade) – Centro Universitário de Caratinga, Caratinga, 2008, 61p.

ASCARI, R. A.; DUMKE, M.; DACOL, P. M.; MAUS JUNIOR, S.; SÁ, C. A.; LAUTERT, L.. Prevalência de risco para Síndrome de Burnout em policiais militares. **Cogitare Enferm**, v. 21, n. 2, p. 1-10, abr./jun. 2016.

BARBOZA, D. B.; SOLER, Z. A. S. G. Afastamentos do trabalho na enfermagem: ocorrências com trabalhadores de um hospital de ensino. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 11, n. 2, p. 177-83, mar./abr. 2003.

BARROS, M. M. S.; ALMEIDA, S. P.; BARRETO, A. L. P.; FARO, S. R. S.; ARAÚJO, M. R. M.; FARO, A. Síndrome de Burnout em médicos intensivistas: estudo em UTIs de Sergipe. **Temas psicol.**, v. 24, n. 1, p. 377-89, 2016.

BECK, C. L. C.; DENARDIN, M. L.; GONZALES, R. M. B. A Banalização das crises vivenciadas pelas enfermeiras no mundo do hospital. **Revista Técnica Científica de Enfermagem**, Curitiba, v. 3, n. 13, p. 479-485, out./dez. 2005.

BRASIL. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil, 2001.

BOA MORTE, S. V. R.; DEPS, V. L. Prevenção e tratamento do estresse e da síndrome de *Burnout* em professores da rede pública de ensino. **Revista Científica Interdisciplinar**, v. 2, n. 1, p. 62-75, jan./mar. 2015.

CARLOTTO, M. S. A relação profissional-paciente e a Síndrome de Burnout. **Encontro, Revista de Psicologia**, v. 12, n. 17, p. 7-20, 2009.

ELIAS, M. A.; NAVARRO, V. L. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. **Revista latino Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 517-525, jul./ago. 2006.

FERNANDES, L. C.; FERREIRA, M. C. Qualidade de vida no trabalho e risco de adoecimento: estudo no poder judiciário brasileiro. **Psicologia USP**, v. 26, n. 2, p. 296-306, 2015.

FERREIRA, A. B. B. F. Síndrome de Burnout. **RESI**, v. 1, n. 1, 2013.

FERREIRA, N. N.; LUCCA, S. R.. Síndrome de burnout em técnicos de enfermagem de um hospital público do Estado de São Paulo. **Rev. bras. epidemiol.**, v.18, n.1, p.68-79, 2015.

FRANÇA, F. M.; FERRARI, R.; FERRARI, D. C.; ALVES, E. D. Burnout e os aspectos laborais na equipe de enfermagem de dois hospitais de médio porte. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 20, n. 5, p.961-70, 2012.

FRANCO, G. P.; BARROS, A. L. B. L.; NOGUEIRA-MARTINS, L. A qualidade de vida e sintomas depressivos em residentes de enfermagem. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, mar./abril, 2005.

GARROSA, E.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M.; JIMÉNEZ, B. M.; GUTIÉRREZ, J. L. G. Prevenção e intervenção na síndrome de Burnout. Como prevenir (ou remediar) o processo de Burnout. In: BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T.; GREENBERG, J. S. **Administração do estresse**. 6. ed. São Paulo: Manole, 2002.

GONÇALVES, M. B. L.; FISCHER, F. M. Condições de trabalho de auxiliares de enfermagem de um instituto de ortopedia e traumatologia de um hospital público de São Paulo. **Cad. Psicol. Soc. Trab.**, v. 1, n. 7, p. 51-65, 2004.

GRANGEIRO, M. V. T.; ALENCAR, D. T.; BARRETO, J. O. P. A síndrome de Burnout: uma revisão da literatura. **Saúde Coletiva: Coletânea**, n. 2, p. nov. 2008. Disponível em: <http://coletanea2008.no.comunidades.net/sindrome-de-burnout>. Acesso em: 14 jun. 2017.

HOLMES, E. S.; SANTOS, S. R.; FARIAS, J. A.; COSTA, M. B. S. Síndrome de Burnout em enfermeiros na atenção básica: repercussão na qualidade de vida. **Revista Psicologia**, v. 6, n. 4, p. 1384-95, 2016.

MARCELINO FILHO, A.; ARAÚJO, T. M. Estresse ocupacional e saúde mental dos profissionais do centro de especialidades médicas de Aracaju. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 177-99, 2015.

MOREIRA, D. S.; MAGNAGO, R. F.; SAKAE, T. M.; MAGAJEWSKI, F. R. L. Prevalência de síndrome de Burnout em trabalhadores de Enfermagem de um hospital de grande porte da Região Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 7, p. 1559-68, jul. 2009.

MUROFUSE, N. T. **O adoecimento dos trabalhadores de enfermagem da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais**: reflexo das mudanças no mundo do trabalho. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004, 298p.

NASCIMENTO, C. P.; MIRANDA, V. C.; FERREIRA, J. B.; MORAIS, K. C. S. Síndrome de Burnout em fisioterapeutas intensivistas. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 7, n. 2, p. 188-98, maio 2017.

OLIVEIRA, L. L.; LAUTERT, L. Características da síndrome de Burnout em enfermeiros da emergência de um hospital público. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 5, n. 1, p. 34-42, jan./jun. 2016.

SCHWARTZMANN L. Estresse laboral, síndrome de desgaste (quemado), depresión: ¿estamos hablando de lo mismo? **Cienc Trab**, n. 6, p. 174-84, 2004.

SILVA, R. N. S.; SILVA, L. P.; COSTA, M. C. M.; MENDES, J. R. Síndrome de Burnout em profissionais da enfermagem. **Rev. Saúde em foco**, Teresina, v. 2, n. 2, p. 94-106, ago./dez. 2015.

SOUZA, A. S.; FERREIRA, L. H. F.; VALENTE, G. S. C.; SILVA, A. H. Doenças ocupacionais: absenteísmo por prevalência de dor no sistema músculo-esquelético em profissionais de enfermagem que atuam no centro cirúrgico. **Rev enferm UFPE**, v. 4, n. 4, p. 1718-23, out./dez. 2010.

SOUZA, N. R.; BERNARDES, E. H.; FONSECA, H. O. G.; LOPES, T. F. S. Identificando o nível de estresse e suas causas nos profissionais de enfermagem em um hospital geral de Passos (MG). **Ciência et Praxis**, v. 2, n. 4, 2009.

VALENTE, G. S. C.; GOMES, H. F.; GRECO, R. M. Condições ergonômicas do trabalho de enfermagem: análise da produção socializada entre os anos de 1998 e 2008. **Rev. Pesq. Cuid. Fundam**, v. 2, n. 3, p. 1128-42, jul./set. 2010.